



CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE INSTITUIÇÃO ESPECIALIZADA EM DEFICIÊNCIA VISUAL DE SC, SOBRE AS IMPLICAÇÕES DOS ESTÍMULOS DOS SENTIDOS REMANESCENTES PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DO ALUNO CEGO

Claudia Daniele Spier Hoffelder ¹

RESUMO

Este artigo abordou as implicações dos estímulos dos sentidos remanescentes para o processo de ensino aprendizagem do aluno cego, na concepção dos professores de Instituição Especializada em Deficiência Visual de SC. A pesquisa teve como objetivo identificar as implicações que os estímulos dos sentidos remanescentes trazem para o processo de ensino aprendizagem do aluno cego na concepção dos professores. A pesquisa é qualitativa e bibliográfica, quanto aos fins é descritiva, quanto aos meios caracterizou-se como pesquisa de campo. O instrumento para coleta de dados foi um questionário. Depois da pesquisa foi possível reafirmar que é essencial este estímulo para promover a aprendizagem e o desenvolvimento destas crianças, assim é imprescindível que os professores responsáveis por este processo dominem as técnicas e estratégias relacionadas aos estímulos. Porém, entre os 9 professores participantes da pesquisa não ficou evidente esta clareza e conhecimento.

Palavras-chave: Sentidos Remanescentes, Estimulação, Deficiência Visual, Estratégias Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A maioria das informações que uma criança possui é geralmente mediada pelo sentido visual, pois a visão proporciona uma maior quantidade de informações e com uma riqueza de detalhes em um período muito mais curto do que qualquer outro sentido. Geralmente a visão é a mediadora de todas as informações sensoriais entre a criança e o meio em que vive. A pessoa que não possui a visão como mediadora deste processo, precisa desenvolver outras habilidades para interação com o meio.

Assim como qualquer indivíduo vidente, o desenvolvimento da pessoa cega é um processo contínuo, criança cega possui a mesma potencialidade mental que o indivíduo vidente, mas é necessário o uso de estratégias diferenciadas que visem estimular a funcionalidade dessa criança (cega). Muitas vezes, pode ter sua capacidade mental reduzida, isso se dá pelo fato de

¹ Docente em Educação Especial – Instituto Federal de Santa Catarina , claudia.daniele@ifsc.edu.br;



que lhe foram restringidas experiências importantes e necessárias para sua maturação. Essa restrição de experiências ou “ausência de estímulos²” pode ameaçar o desenvolvimento da criança no processo educativo.

O exercício da docência constitui-se num processo de construção de conhecimento, em que as concepções pedagógicas de cada professor estão presentes em suas práticas diárias. É neste sentido que este artigo tem como tema a concepção dos professores de Instituição Especializada em Deficiência Visual de SC, sobre as implicações dos estímulos dos sentidos remanescentes no processo de ensino aprendizagem para o educando cego, considerando que o desenvolvimento dos sentidos remanescentes é essencial para todo indivíduo que não consegue utilizar-se da visão.

A escolha deste tema se justifica, pois compreende-se que a concepção que os educadores possuem em relação a deficiência visual e como se dá o processo de ensino aprendizagem é de suma importância. Na maioria das vezes é na escola que a criança é estimulada para o desenvolvimento de suas habilidades e dos sentidos remanescentes. Diante destas colocações, o problema que se apresenta como questão central de investigação é: Quais as implicações que a presença ou a falta de estímulos dos sentidos remanescentes podem trazer para o processo de ensino aprendizagem dos alunos cegos na concepção dos professores desta instituição?

A pesquisa em relação ao tema tem por objetivo identificar as implicações que os estímulos dos sentidos remanescentes trazem para o processo de ensino aprendizagem do aluno cego na concepção dos professores.

Para alcançar o objetivo proposto, o presente trabalho apresenta uma relação entre as teorias atuais, o que são estímulos dos sentidos remanescentes e a sua função no processo de ensino aprendizagem do aluno cego. Também traz explicações a respeito das implicações que a presença ou falta dos estímulos dos sentidos remanescentes representam para o processo de ensino aprendizagem do aluno cego na concepção dos professores da Instituição Especializada.

Neste trabalho também serão apresentadas as estratégias utilizadas por estes professores em todos os seus programas (estimulação essencial, orientação e mobilidade, grafia Braille, artesanato, atividades da vida diária...), as principais dificuldades que encontram no trabalho com pessoas com cegueira e os desafios que enfrentam e superam a cada dia. A fundamentação teórica através da qual pôde ser feita a análise e reflexão sobre o tema teve por base estudiosos da deficiência visual como Bruno (1993) e os colaboradores do Ministério da Educação nas

² Quando uma criança não é estimulada para o desenvolvimento dos sentidos remanescentes.



cartilhas “Saberes e Práticas da Inclusão” (2005 e 2006), especialmente os que estudam sobre as necessidades educacionais especiais do aluno cego.

METODOLOGIA

A pesquisa efetuada na Instituição, contou a participação dos professores e esteve focada nas práticas pedagógicas. No momento da pesquisa haviam 61 pessoas com deficiência visual frequentando a Instituição, destes 27 cegos. Trabalhavam nesta instituição 11 professores, sendo que 9 responderam e devolveram o questionário.

Na Instituição são atendidas pessoas cegas e com baixa visão e as estratégias de ensino são diferenciadas. Com o educando com baixa visão as técnicas utilizadas visam principalmente o estímulo do resíduo visual existente, já no aluno cego a prioridade são os estímulos dos sentidos remanescentes, o que será abordado neste artigo.

A pesquisa realizada se caracterizou como qualitativa por trabalhar com dados subjetivos, “essa abordagem trabalha com interpretação dos fenômenos e atribuição de significados com análise indutiva, com foco nos processos” (TOMELIN, TOMELIN e LAURINDO, 2008. p.62). Quanto aos fins foi uma pesquisa descritiva por objetivar descrever um fenômeno, “uma das características mais significativas da pesquisa descritiva está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário” (Gil, 1993, p.46).

Quanto aos meios caracterizou-se como pesquisa de campo por ser feita no local onde este fenômeno ocorre. O instrumento para coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas que, segundo Cervo & Bervian (2002) as perguntas abertas permitem obter respostas mais livres e as perguntas fechadas permitem obter respostas mais precisas.

A busca de informações sobre as teorias atuais a respeito dos estímulos dos sentidos remanescentes na educação de pessoas com deficiência visual foi feita em materiais publicados, o que caracteriza uma pesquisa bibliográfica. “A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”. (VERGARA, 2005, p.48).

SENTIDOS REMANESCENTES E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DO ALUNO CEGO



Os sentidos remanescentes são os que proporcionam a interação do indivíduo com o meio em que vive. É através deles que poderá conhecer tudo o que está a sua volta, conhecer o próprio corpo, o espaço em que vive, sua família, o cheiro dos alimentos, o sabor, os sons das palavras, fenômenos do dia a dia e tudo o que acontece em sua volta. Para compreender melhor o trabalho pedagógico com a pessoa com deficiência visual, por intermédio da estimulação dos sentidos remanescentes, é necessário conceitualizar e apresentar a função destes sentidos.

SENTIDOS REMANESCENTES - CONCEITO E FUNÇÃO

Grande parte das informações que a maioria das pessoas obtém é adquirida, mesmo que acidentalmente, através do sentido visual associado a outro sentido. Considera-se que a visão é o mediador entre todas as outras informações sensoriais, estabilizando a interação da criança com seu meio. Entretanto, existem pessoas que não conseguem utilizar-se do sentido da visão para obter informações a respeito do meio em que vivem, faz-se necessário que aprimorem o uso dos sentidos remanescentes. São chamados sentidos remanescentes todas as formas de interação do indivíduo cego com seu meio, tais como o tato, olfato, audição, paladar, percepção vestibular, visão residual, pontos de referência, pistas no decorrer de um trajeto, bengala longa, cão guia, mapa Braille, etc. (ARANHA, 2005).

O tato, o olfato, o paladar e a audição são as principais fontes de informação para uma pessoa cega e devem ser devidamente estimuladas pelas pessoas que tem contato com este indivíduo desde o nascimento. A família e a escola exercem papel primordial no desenvolvimento integral da pessoa com deficiência visual.

O sentido da visão é geralmente o responsável por integrar harmoniosamente todos os outros sentidos, a falta deste sentido limita o indivíduo, mas não o torna incapaz. O que ocorre é uma sensibilização e posterior potencialização de outros sentidos:

É através dos sentidos remanescentes, do constante interagir com o outro e com o espaço ao seu redor, que a criança cega constrói a imagem de si e do mundo. Seu desenvolvimento se dá através de vivências, experiências. Uma criança cega que recebe diversos tipos de estímulos desde o seu nascimento consegue adaptar-se com maior facilidade a sua deficiência e desenvolver uma melhor relação de interatividade com o outro e com os ambientes que a cercam (CUNHA, 2004, s.p.).

Para que haja compreensão de como uma criança com deficiência visual constrói e adquire conhecimento, faz-se necessário uma reflexão de como ocorre o desenvolvimento cognitivo desta criança e suas condutas de interação com o meio.

A construção do conhecimento não é algo adquirido de fora para dentro, algo que podemos ensinar. Tem origem no orgânico e na troca bioquímica entre o organismo e



o meio. Depende da integração das ações sensório-motoras, que, coordenadas, ativam, organizam e estruturam o sistema nervoso do organismo humano (BRUNO, 1993, p.11).

A percepção do mundo pela criança visualmente prejudicada é obtida por meio dos seus sentidos remanescentes e as pistas por eles fornecidas podem levar a informações incompletas, gerando conceitos diferentes daqueles obtidos pela criança de visão normal (SECENP, 1993 *apud* LOPES & PIUNTI, 2004). A criança cega precisa de um ambiente familiar acolhedor assim como todas as crianças, mas os cuidados e estímulos são específicos e indispensáveis. A família precisa da orientação de profissionais especializados para que esta criança tenha um desenvolvimento integral, é preciso que sejam oferecidas diferentes oportunidades, tanto pela família que é seu primeiro ambiente, quanto pelos educadores, para desenvolver os sentidos remanescentes: tato, audição, olfato e mesmo paladar. Pois “[...] quando os estímulos são adequados, possibilitam potencializar a sensibilidade dos sentidos remanescentes, minimizando a falta da visão” (SANTIN; SIMMONS, 2000, s.p.)

Somente experiências sensório-motoras integradas e significativas ajudarão a criança com deficiência visual a se conhecer, explorar o mundo, elaborar e organizar o seu próprio conhecimento rumo à autonomia (BRUNO, 1993). As informações recebidas pela percepção tátil, auditiva, cinestésica, olfativa ou gustativa, como sentidos remanescentes, são processadas pelo Sistema Nervoso Central (SNC), que integradas a outras informações armazenadas previamente, forma um esquema/imagem mental do objeto (CUNHA, 2004).

CAUSAS DA FALTA DE ESTÍMULO

Como foi discutido acima, os sentidos remanescentes devidamente estimulados, proporcionam ao indivíduo cego uma total compreensão do mundo. As pistas fornecidas por estes sentidos é que permitem ao indivíduo cego ter um desenvolvimento normal, quando assistido desde cedo por pessoas devidamente orientadas que os auxiliem. Em compensação,

A não estimulação adequada na criança cega leva a uma diminuição de interações sociais, já que é comum que prefiram formas seguras de entretenimento, de natureza passiva, que exigem pouca mobilidade e oferecem pouca oportunidade de interação humana e exploração ativa, tais como ouvir e cantar músicas e ouvir programas de televisão, os quais são citados como as atividades mais prazerosas (SANTIN & SIMMONS, 2004 *apud* PFEIFER & DEFINA, 2008, p.23).

Algumas crianças cegas, quando não estimuladas corretamente, desenvolvem a prática de auto-estimulação como esfregar os olhos, balançar-se e movimentos estereotipados. Segundo Mosquera (2000) é importante o estímulo de crianças cegas à movimentação o mais



cedo possível, através do acompanhamento de profissionais capacitados, possibilitando uma maior interação destas com seu meio. Do contrário, poderão aparecer atrasos psicomotores. A falta de estímulo dos sentidos remanescentes poderá acarretar em problemas de desenvolvimento e aprendizagem que comprometem diferentes aspectos na criança, ou seja, “Entraves na aquisição de fatores psicomotores podem ocasionar dificuldades relacionadas ao desempenho motor, afetivo, cognitivo e social e são detectadas principalmente durante a escolaridade” (POYARES, 2007 *apud* PFEIFER & DEFINA, 2008, p.23). Principalmente na infância, é comum a criança com deficiência visual que não está sendo devidamente estimulada, ser prejudicada em sua percepção corporal, adquirindo algumas posturas diferenciadas.

Isto ocorre, pois a ausência do estímulo visual faz com que a criança cega demore mais para explorar o ambiente sendo imprescindível um trabalho voltado aos sentidos remanescentes, segundo Mosquera (2000) a precariedade de estímulos auditivos e táteis inibirá a criança com deficiência visual no ato de buscar seu espaço, já que esse processo de conhecimento ambiental e corporal começa muito cedo, ainda no berço, lugar onde o bebê passa inicialmente a maior parte do tempo. Segundo Bruno (1993, p. 15), “[...] a ruptura de experiências sensório-motoras integradas prejudica a organização e o planejamento do ato motor, a vivência do corpo no espaço que são responsáveis pelo desenvolvimento do mecanismo de adaptação ao meio e de organização interna do sujeito”. A carência de experiências sensório-motoras desde bebê pode levar a criança a rejeitar os estímulos táteis, podendo ocasionar atrasos em seu desenvolvimento e segundo Mosquera (2000) a gravidade do problema aumenta quando as crianças não são estimuladas corretamente.

Enfim, sabe-se que a falta de estímulos acarretam atrasos no desenvolvimento da criança com deficiência visual, pois “[...] o desenvolvimento não é só biologicamente determinado, mas socialmente facilitado. E que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas sentido pela vivência e elaborado pelo significado” (BRUNO, 1993, p.26).

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

A escola é o ambiente onde o educando passa grande parte do seu tempo e os professores exercem papel fundamental no desenvolvimento deste educando e na sua compreensão dos conteúdos estudados. Em todos os ambientes da escola e nas aulas ministradas, surgem situações que podem ser utilizadas para estimular a utilização de outro sentido que não seja a visão e que poderá favorecer o processo educacional. Todos os alunos podem ser contemplados



com estas atividades, por exemplo: discriminar odores, identificar sons, experimentar sabores, diferenciar texturas e materiais (ARANHA, 2005).

A criança cega precisa ter a oportunidade de vivenciar funcionalmente as experiências para assimilar os estímulos sensoriais, transformá-los em percepção e em sistemas de significação. Não se pode privar a criança de experimentar e conhecer o mundo do seu modo. Ela deve ser estimulada a realizar tarefas, a brincar e a ter uma vida normal, o que se faz necessário são orientações adequadas e específicas por causa da falta de visão. Quando se menciona permitir que a criança vivencie funcionalmente, inclui-se fazer coisas e descobertas com o corpo todo, segundo Bruno (1993, p. 18), “[...] o contato corporal fornece informações mais estáveis e consistentes, ajudando a elaborar e organizar o mundo”.

A criança precisa de uma pessoa (mãe, professora, médicos...) que a auxilie na compreensão do meio em que vive, pois muitas vezes os sons que ouve são confusos pelo excesso de ruídos do ambiente. A criança conseguirá atribuir significado às palavras, sons ou objetos quando tiver oportunidade de conhecê-los.

A interação entre a família e a escola é muito importante, assim os educadores saberão mais sobre a criança, suas preferências, interesses, formas de interação, necessidades, desejos, expectativas e também se as atividades realizadas com essa criança estão tendo resultados, pois compreender as possibilidades e necessidades da criança é o primeiro passo para um trabalho significativo.

Segundo a teoria de Vigotsky (1993), a criança não deve ser privada de experiências com outras pessoas, é na interação com o outro que o sujeito se constrói. O ser humano é interativo e pode aprender muito na relação com o outro, assim adquire uma identidade no contexto de grupo. “É na relação e interação com as pessoas de sua família, com educadores, meninos e meninas na escola e com o mundo que a cerca que ela desenvolve suas possibilidades e se estrutura como pessoa” (BRUNO 2006, p. 15).

Para a estimulação do desenvolvimento sensorial, Aranha (2005), sugere atividades que estimulem a audição, o paladar, o olfato e o tato, além de integrar estes sentidos para que a criança aprenda a perceber e conhecer melhor o ambiente em que vive. A organização do espaço também é muito importante, ele deve ser agradável, organizado e, principalmente seguro, no sentido de permitir a mobilidade da criança cega, evitando acidentes. Além disso, esta organização deverá manter uma rotina de forma que a criança consiga identificar a localização de móveis e utensílios (SMITH, 2008 *apud* DONADUZZI, 2009, p. 41).

Uma sala de aula inclusiva ou um ambiente em que uma pessoa cega possa desenvolver suas habilidades precisa de educadores capacitados e materiais adaptados. Todas as formas de estímulos sensoriais para cada tipo de atividade é demasiado complexo e amplo para ser citado. Segundo Bruno (2006), cada atividade proporcionada deve ser muito bem explicada para que o educando compreenda e vivencie, assim conseqüentemente haverá aprendizado. Todas as atividades que para os videntes são de fácil assimilação utilizando-se da observação, para a pessoa com deficiência visual tem de ser explicado e experimentado, como por exemplo o simples fato de lavar o rosto e as mãos, tomar banho...

Atualmente existe uma grande variedade de materiais que servem de auxílio para as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, são as chamadas tecnologias assistivas. Segundo Miranda (2008, *apud* Donaduzzi , 2009), as tecnologias assistivas são consideradas como todos os recursos, equipamentos, produtos ou sistemas utilizados para aumentar, manter ou melhorar a capacidade funcional de cada pessoa. Quando uma escola possui tecnologias assistivas, a criança com deficiência visual consegue desenvolver sua funcionalidade de forma mais eficaz.

Pode-se relacionar como tecnologia assistiva dispositivos e acessórios computacionais especiais, equipamentos para mobilidade, recursos para a realização de atividades da vida diária, materiais pedagógicos em auto relevo ou Braille, adaptações na estrutura da escola (rampas, murais com artigos em Braille...) móveis adaptados, jogos, esporte e brinquedos, etc. Segundo Aranha (2005), é importante lembrar que cada atividade realizada com o aluno cego requer estratégias que visem estimular a potencialidade dos sentidos remanescentes, assim, o desenvolvimento ocorrerá de forma integral e haverá aprendizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de dados deste artigo será realizada a partir das respostas ao questionário que foi aplicado com 9 professores, representando 81,8% dos educadores que trabalham no local. As questões tinham por objetivo conhecer o perfil dos professores, as concepções de aprendizagem e dos sentidos remanescentes e os desafios encontrados.

Observa-se através das respostas, que a instituição possui no seu quadro de pessoal apenas profissionais graduados e habilitados em Educação Especial, seja no nível de graduação ou pós graduação e que 100% dos que responderam ao questionário são especialistas em alguma área da educação. Outra questão importante, é que a maioria dos



integrantes desta equipe iniciou o trabalho com pessoas com deficiência visual a pouco tempo, tendo apenas dois meses de experiência na área.

No que tange a compreensão sobre o que são sentidos remanescentes, a maioria dos professores citaram, além dos órgãos dos sentidos, a cinestesia que, segundo MICHAELIS (2008, p. 188) “é o sentido que permite perceber os movimentos musculares, peso e posição dos membros.” Os professores que possuem mais experiência é que possuem mais clareza do conceito, mas todos fizeram a relação correta, como consta na fundamentação teórica, aos sentidos remanescentes como todas as formas de interação do indivíduo cego com seu meio, tais como o tato, olfato, audição, paladar, percepção vestibular, e visão residual.

Quando questionados a respeito da presença ou da falta de estímulos, quase todos responderam que a estimulação é essencial, pois sem ela o aprendizado do aluno cego não ocorre. Porém foram respostas vagas, apenas uma professora citou algumas implicações diretas para o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com a teoria que fundamenta este artigo, esta estimulação é essencial, pois:

É através dos sentidos remanescentes, do constante interagir com o outro e com o espaço ao seu redor, que a criança cega constrói a imagem de si e do mundo. Seu desenvolvimento se dá através de vivências, experiências. Uma criança cega que recebe diversos tipos de estímulos desde o seu nascimento consegue adaptar-se com maior facilidade a sua deficiência e desenvolver uma melhor relação de interatividade com o outro e com os ambientes que a cercam (CUNHA, 2004. s.p.)

Entre os respondentes um professor afirmou que não há nenhuma implicação, pois o indivíduo irá se desenvolver naturalmente. Esta concepção revela uma ideia inatista e que não encontra respaldo em nenhuma teoria atual sobre aprendizagem e desenvolvimento, principalmente em se tratando de alunos cegos que necessitam de um apoio extra para estabelecer contato com o meio.

Em relação às estratégias pedagógicas utilizadas para o desenvolvimento dos sentidos remanescentes, cada educador utiliza as estratégias conforme o programa de habilitação que atua, embora, analisando as respostas, percebe-se que todos os professores realizam estimulação com os seus alunos e também recursos adequados, ficando vago em mais da metade das respostas quais recursos e quais estratégias, o qual era o objetivo da pergunta.

De acordo com Bruno (2006, p. 46):

[...] as crianças deficientes visuais geralmente adquirem seu conhecimento por meio de experiências que não incluem o uso da visão, faz-se necessário que lhes sejam oferecidas oportunidades para desenvolver os sentidos remanescentes: tato, audição, olfato e mesmo paladar.



A escola tem papel fundamental do desenvolvimento da criança com deficiência visual, onde deverão ser utilizadas estratégias específicas e adequadas a cada uma, tendo em vista seu desenvolvimento integral.

Em relação às dificuldades e os desafios que cada professor encontra para desenvolver seu trabalho, a falta de experiência de alguns parece estar interferindo na sua prática pedagógica, porém observando as respostas dos professores que possuem mais experiência na área da deficiência visual, percebe-se maior segurança na docência e outras dificuldades, como trabalhar a elaboração conceitual, situações abstratas, a falta de acessibilidade na sociedade, desafiar aos educandos e a falta de continuidade do trabalho com o indivíduo cego no seu ambiente familiar. Um relato importante foi de uma professora, que trabalha há dois anos com pessoas com deficiência visual. Ela diz que encontrou muitas dificuldades no início, pois os programas são diferentes e específicos para cegos, mas com muito empenho foi em busca de conhecimento para aprimorar seu trabalho, criou um vínculo com os alunos e hoje não encontra mais dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os argumentos apresentados na fundamentação teórica foi possível apresentar um conceito claro de sentidos remanescentes e a função da estimulação destes sentidos para o processo de ensino-aprendizagem do educando cego como sendo essencial. Porém esta concepção não apareceu claramente nas respostas dos professores que trabalham com as crianças com deficiência visual.

A questão de pesquisa que permeou este artigo se refere às implicações que a presença ou a falta de estímulos dos sentidos remanescentes podem trazer para o processo de ensino aprendizagem dos alunos cegos, na concepção dos professores. Analisando as respostas apresentadas pelos educadores, percebe-se que para a maioria deles, tais concepções são um tanto quanto vagas e não demonstraram segurança em descrever sobre elas de forma clara e argumentativa.

Observa-se que os órgãos dos sentidos e a cinestesia são apontados pela maioria dos educadores entrevistados como sentidos remanescentes e que eles devem ser estimulados para que a pessoa cega tenha um desenvolvimento integral.

Levando em consideração as estratégias pedagógicas apresentadas pelos professores no programa em que atuam, percebe-se que todos se utilizam de estratégias específicas e recursos



adequados para estimulação dos sentidos remanescentes. A teoria que fundamenta este artigo aponta que as estratégias pedagógicas são de suma importância, pois há necessidade de organização de espaço, experiências, atividades de exploração e interação com o meio, mas as respostas apresentadas não nos permitem análise conclusiva, pois vários educadores não citaram quais estratégias e recursos utilizam.

No que tange a identificação das dificuldades e desafios apontados pelos professores no trabalho com pessoas com deficiência visual, pôde-se identificar que a falta de experiência de alguns educadores pode estar interferindo em sua prática pedagógica. Isso se percebeu claramente quando as respostas foram confrontadas; quem tem menos experiência se mostrou inseguro, procurando formas de trabalhar e se comunicar, já os mais experientes tinham mais segurança na docência e as dificuldades referiam-se a elaboração conceitual de situações abstratas e barreiras arquitetônicas que não permitem a acessibilidade das pessoas cegas.

Os resultados obtidos na pesquisa foram confrontados com a teoria pesquisada, o que nos permite concluir que se faz necessário momentos de estudo e formação para os educadores, para aprofundar seu conhecimento em relação ao indivíduo cego e sua forma de conhecer o mundo que o cerca.

A partir do momento que os educadores conhecerem seus alunos com mais profundidade, seus anseios, medos, limitações e sobretudo suas potencialidades, o trabalho pedagógico terá uma nova dimensão, muito mais significativa. Este conhecimento é o que poderá dar base para que os professores estejam mais seguros para trabalhar e organizar estratégias pedagógicas adequadas a cada educando, promovendo o desenvolvimento e aprendizagem no máximo das possibilidades das crianças com deficiência visual.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. **Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades Educacionais do Aluno Cego e de Alunos com Baixa Visão** / coordenação geral: SEESP/MEC. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2005.

BRUNO, M. M. G. **O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual: da intervenção precoce à integração escolar**. São Paulo: Laramara, 1993.

BRUNO, M. M. G. **Educação Infantil: Saberes e Práticas da Inclusão: Dificuldades de Comunicação e Sinalização: Deficiência Visual**. 4ª ed. Brasília: MEC, Secretaria da Educação Especial, 2006.

CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: McGraw-hill do Brasil, 2002.

CUNHA, M. **A expressão corporal e o deficiente visual**. Revista Benjamin Constant, ano 10, n 28, agosto de 2004 – Rio de Janeiro.

DONADUZZI, Anelise. **Adaptações Curriculares e Práticas Pedagógicas**. Blumenau: Edifurb; Gaspar: SAPIENCE Educacional, 2009.

GIL, Antônio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1993.

MICHAELLIS: **Dicionário prático de Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MOSQUERA, C. **Educação física para deficientes visuais**. Rio de Janeiro: Ed. Sprint, 2000.

PFEIFER, L.I.; DEFINA, R. A. A. **Dança como recurso terapêutico ocupacional junto a crianças com deficiência visual**. Revista Benjamin Constant, ano 14, agosto de 2008 – Rio de Janeiro.

POYARES, Maria M. D. e GOLDFELD, Márcia. **Análise comparativa da brincadeira simbólica de crianças cegas congênitas e de visão normal**. Revista Benjamin Constant, ano 14, n 40, agosto de 2008 – Rio de Janeiro.

SANTIN, S.; SYMMONS, J. **Problemas das crianças portadoras de deficiência visual congênita na construção da realidade**. Revista Benjamin Constant, ano 6, n 16, agosto de 2000 – Rio de Janeiro.

TOMELIN, J. F.; TOMELIN, K. N. LAURINDO, R. **Metodologia da pesquisa científica**. Blumenau: Edifurb; Gaspar: ASSEVALI Educacional, 2008.

VERGARA, S.C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.